

MENSAGEM DE NATAL

Como um lampejo, o tempo se esvai rápido nesta vida fugaz. Transcorrida a meninice, a juventude, a mocidade - viver na maturidade é viver das recordações e da saudade. Enfloram o coração que medeia o caminhar da vida, os brincos de criança e a lembrança dos amores juvenis. O trenzinho do neto nos lembra o nosso recebido com indizível alegria; o reencontro com olhos que nos prenderam pela vivacidade, pelo fascínio, e cheios de um querer curioso e inocente, iludem e fantasiam a imaginação. Porém, tudo é o passado cada vez mais distante - a ânsia de viver, de florir ainda, de frutificar, não se desprende da natureza incorrigível, teimosa, a palpitar mesmo quando decai, buscando a flor quando já definha o fruto, querendo a mocidade que o tempo consumou.

Surge aí a saudade com o recordar do que se foi e do que se fez; saudade bálsamo, saudade consolo, saudade alegria. Então, a maturidade se engalana; agora o trenzinho do neto entusiasma e os olhos vivos revivessem; o prazer dos brincos de criança se renova no prazer dos netos e o coração floreja na mocidade dos que de nós nasceram. Assim, o homem alonga sua existência pela cadeia de suas gerações, na meninice que se repete, na mocidade que se multiplica, que nos veio de uns e que demos a outros, ininterrupta, infinda renascendo com o natal de cada um, revivendo no multiplicar da humanidade que se eterniza. Abençoada a hora em que nos nasce um filho; abençoada a saudade que nos adorna a vida!

"Saudade cheia de graça,

alegria em dor difusa,

doença da minha raça,

pranto que a guitarra lusa

em seu exílio verteu....

Ó! quem sentir-te não hade

se foi dentro da saudade

que a minha pátria nasceu" (Menotti).

E o natal de Jesus, nimbado de afeto e de saudade, se repete a cada crepúsculo do ano para recordar o passado e para

gáudio dos infantes e da juventude, marcando o término da encarnação do Verbo, a encarnação salvadora da humanidade e fonte de cristianização do homem. Natal, festa do lar com seu lindo pinheiro iluminado de louçania e beleza, sombreando o presépio do Menino Deus, que pelo Natal preside a união da família; festa de alegria, festa de fraternidade apagando ressentimentos, desvanecendo máguas, rememorando aquele verdadeiro e santo natal:

O NATAL DE JESUS.

"Havia um luar, um luar suave e límpido, que palhetava de prata as águas dos riachos, e escorria pelas fôlhagens dos plátanos, dos loureiros e das figueiras. Nesse vasto planalto, estava parada uma imensa multidão, em que se confundiam todas as castas, todas as profissões, todas as grandezas e todas as misérias. Essa gente viera da Caldéa, do Egito, da Mesopotâmia, da Síria, dos desertos áridos, dos vales risonhos, das montanhas escarpadas, e juntara-se aos peregrinos de todos os países da vasta Palestina".

"No céu, mas muito perto da terra, tão baixa que as mãos da gente tinham a ilusão de poder tocá-la, e tão brilhante que a sua luz resistia à claridade avassaladora do luar - brilhava uma grande estrela desconhecida, que nunca, antes desse ano", "os sacerdotes, os magos e os astrólogos tinham observado no firmamento" (Bilac).

As multidões chamadas pelo censo, e as escolhidas caravanas atraídas pela estrela, até aqui num só conglomerado gigantesco, dividiam-se pela obediência de uns às normas da lei, e pelo anseio de outros para ver e adorar o Messias, há tanto esperado. Nestes, três reis, no esplendor do seu poderio, e trazidos pela estrela desde os seus domínios, avultavam com munificência e grandeza - "Gaspar, Melchior e Baltazar - um moço de pele alva e lisa; outro, velho de pele enrugada e tostada de sol; outro, de pele negra como ébano" - adorando e mimoseando com ouro, mirra e incenso o Menino Deus, sob os raios fulgurantes da estrela luminosa. Aproximaram-se do presépio, adoraram o Cristo recém-nascido, o Redentor da humanidade cercado ali pela simpleza do presépio, pela humildade do

berço e pela religiosidade de Maria e de José reclinados absortos na contemplação do Infante. Maria que por Cristo expirante nos foi dada por mãe, na excelsitude do seu amor materno, era a "escrava do Senhor" cheia de graça, a bendita entre as mulheres, a que cantara o Magnificat: "minha alma glorifica o Senhor, e o meu espírito exultou em Deus, meu Salvador - porque atendeu à humildade de sua serva. Eis que daqui por diante, todas as gerações me chamarão bem-aventurada, pois aquele que é poderoso fez em mim grandes cousas" (S. Lucas 1.46)

E com esta veneração à Maria, alce aos céus a nossa

DRAÇÃO DO NATAL:

Senhor que sois o Redentor da humanidade, deste encontro afetuoso desejamos que subam a vós os nossos pensamentos, e que da sua graça nos venham as bênçãos salvadoras das horas de angústia e, para nós irmãos, para nossa querida Pátria, a paz duradoura. Dai-nos Senhor, corações que nos conduzam pelas veredas palmilhadas do "poverello" de Assis, em bem de nossas famílias, em bem de nossos lares, na segurança de nosso viver e no esplendor de nosso Brasil,

"Onde houver ódio", que levemos o amor, o amor que salva, purifica, o amor que floresce o lar, que engalana a vida, o amor que ilumina a existência, dá penso às chagas, fortalece, constroi, glorifica.

"Onde houver ofensa", que levemos o perdão, o perdão redentor, igualitário, fundamento e segurança da placidez da existência, o perdão nivelador dos homens, o perdão que nos une e fortalece.

"Onde houver discórdia", que levemos a união, a união que enrijece, encoraja, edifica, a união realizadora que alcança e que triunfa.

"Onde houver dúvida", que levemos a fé, a fé que desperta, a fé que anima, fascina, move, redime, vivifica, constroi, inspira, e que surge esplendente no presépio, e que, pela cruz, se irradia, se multiplica, se universaliza, absorve e empolga. A fé que dará a nosso Brasil a vitória contra o mal, contra a inveja, a ganância, a corrupção, a incontinência, a luxúria, a degeneração.

"Onde houver erro", que levemos a verdade, a verdade dura, a verdade intransigente, salvadora, a verdade da justiça, da honra e da dignidade.

"Onde houver desespero", que levemos a esperança ri-dente que florescia nossos lares, anima o realizador, impele o caminhante, consolida a vontade, doura a visão do futuro e marcha no rumo do idealismo sadio.

"Onde houver tristeza que levemos a alegria, essa alegria ingênua que floresce nos sorrisos de nossos filhos, perfuma nossos lares, encanta nossos corações e faz da vida um roseiral de harmonia.

Campinas, jantar do Clube dos 21 Irmãos Amigos,
10 de dezembro de 1980.

(a) Celso Maria de Mello Pupo.